

Da complacência à subserviência, por Paulo Brossard *

ARTIGOS

A despeito da situação lisonjeira obtida pelo presidente Luiz Inácio, seja no plano interno, seja no externo, aliás, resultante em boa parte da versatilidade de seus dotes, confesso minhas apreensões no tocante a seus efeitos em ambos os seus pavimentos. No externo, particularmente no referente à América Latina. Tendo entrado de corpo e alma na esfera bolivariana, tendo mais de um sota-ministro além do ministro de Estado, levou o país, que é o nosso, a humilhações sucessivas, sem a maior resistência do Brasil, antes com amáveis complacências.

O presidente da Bolívia, com inegável inoportunidade, disse que viria ao Brasil, seria recebido e seria atendido em seus pleitos, e foi, como se nada tivesse acontecido; para ser explícito, como se não tivesse praticamente arrombado as portas da Petrobras com força militar e como se a estatal brasileira lá não estivesse como pseudônimo do Brasil. Em outro tempo, isto teria outro nome, bem diferente ao de diplomacia e seria intolerado por Rio Branco e muitos riobrancos que passaram pela Casa da Rua Larga. Depois, o Equador, apontando o Brasil como o imperialista, expulsou a empresa brasileira que lhe prestava serviços, aliás, financiados pelo BNDES, e anunciou o calote a céu aberto, fazendo crer estivesse a praticar gesto de pureza virginal. Só depois de toda sorte de insólitos e desmarcados ultrajes, o Brasil promete vir a reagir diante do ocorrido aos olhos dos vizinhos e além das fronteiras e ninguém sabe quanto tempo vai durar a prometida virilidade diplomática, tantas têm sido as servilidades ocorridas.

Chegou a vez do Paraguai cobrar contas do nosso país, depois de haver-lhe financiado Itaipu e favorecido com tratamento generoso. Aliás, não fora um senador, ao tempo, haver questionado o tratado em elaboração, fundado em razões de uma autoridade no assunto, o engenheiro e antigo ministro

de Estado Marcondes Ferraz, e o projeto teria sido aprovado por unanimidade, pois foi aprovado contra apenas um voto (pelo menos um voto no Senado) e em muitos ditirambos. Foi caro para o Brasil e começa a dar-lhe incômodos, decorrido um terço de século.

A Venezuela é da casa e como tal é tratada; nela entra sem bater à porta.

Com a Argentina, as nossas relações já foram melhores, a despeito de desconfiança atávica; o que os presidentes Sarney e Alfonsín fizeram com proveito a ambos os países agora anda pelas urtigas, abandonado aos descuidados dos governos bolivarianos.

Um dos jornais, que, por sinal, sempre deu atenção especial aos problemas internacionais, em geral e especialmente aos do país, depois de precisa resenha das estranhas intimidades diplomáticas, adoçadas de empréstimos do BNDES, concluiu "que não há nenhuma surpresa no rumo tomado por esses governantes populistas. Ao enviar tropas para ocupar instalações da Petrobras, em 2006, o presidente boliviano sinalizava o que viria a seguir". E mais adiante: "Em toda essa história, o único dado realmente espantoso é a sucessão de erros da diplomacia brasileira. Ninguém poderia esperar grande coisa de uma política externa influenciada pelos assessores do presidente Lula para assuntos internacionais, mas até as previsões mais pessimistas foram superadas. .. Confundem parceria e cooperação com passividade em face das imposições mais descabidas. Mas um dos feitos mais notáveis foi certamente o empréstimo de uma funcionária da Receita Federal para ajudar o governo equatoriano na auditoria da dívida externa".

Enfim, é tão grave o divórcio entre o Brasil de sempre

*Zero Hora/RS, 15 de dezembro de 2008
STF / Ministros Aposentados / Ministro Paulo Brossard*

Continuação: Da complacência à subserviência, por Paulo Brossard *

e o de hoje, que vem sucedendo fato inédito - antigos diplomatas de largo tirocínio no ofício, tendo respondido por postos de particular relevo e até chefiado o ministério, com compreensível medida, mas com objetividade e firmeza, têm abordado temas antes mantidos em silêncio. Assim, Luiz Felipe Lampreia, Roberto Abdenur, Marcos Azambuja, Rubens Barbosa, em artigos e entrevistas memoráveis. Como

sempre, muito haveria de dizer, mas o espaço é curto. O que ficou dito, porém, é suficiente para retratar o que está acontecendo e sua gravidade. A complacência tem chegado à subserviência.

Artigos / 17